

Eça e Graciliano: Olhar realista, duas realidades.

Débora Carla Santos Guedes¹

RESUMO: Este artigo pretende fazer uma (re)leitura de *Caetés* na perspectiva das confluências existentes entre as personagens de Graciliano Ramos e Eça de Queirós, na medida em que a escrita dos autores se aproxima pela técnica realista e pela exploração temática, revelando o fascínio que o escritor português exercia sobre o brasileiro.

ABSTRACT: The present work aims to make a (re)reading of *Caetés* from the perspective of the existing confluences between the character by Graciliano Ramos and Eça de Queirós, to the extent that the writing of both authors approaches itself in the realistic technique, and thematic investigation, by revealing the fascination exerted by the Portuguese writer over the Brazilian one.

PALAVRAS-CHAVE: Realismo, crítica social, Eça de Queirós, Graciliano Ramos.

KEYWORDS: Realism, social criticism, Eça de Queirós, Graciliano Ramos.

Entre as tantas correntes que figuraram nos movimentos literários, o realismo acrescenta à ficção outro olhar sobre os tipos representados: o da observação no lugar da imaginação tão enaltecida pelos românticos. Em Portugal, Eça de Queirós se coloca na defesa desse novo estilo, por acreditar que representar a realidade como tal seria mais adequada ao que os escritores buscavam naquele momento. Assim, em 1879, escreve o artigo *Idealismo e Realismo*, parte do texto que seria o prefácio à segunda edição de *O Crime do Padre Amaro*, mas apenas um trecho dele foi usado, como nota. O artigo, no entanto, repercutiu, contribuindo para a discussão sobre o método. No Brasil, as

¹ Mestranda em Literatura Brasileira e Teorias da Literatura. Universidade Federal Fluminense (UFF). Bolsista do CNPq. **Pesquisa:** O discurso amoroso na narrativa de Graciliano Ramos (título provisório). E-mail: deboracarla@msn.com

críticas feitas por Machado de Assis chegaram a influenciar Eça na grande revisão que fez do livro.

Sabemos que, se em Portugal os romances realistas de Eça repercutiam pelo ataque as estruturas sociais, aqui causavam controvérsias. Muitos críticos, como Machado de Assis, repudiavam o realismo chocante e “depravado” do autor. Outros elogiavam a audácia de construir personagens tão destituídos de caráter, mas representantes exemplares de tipos existentes em qualquer sociedade. Já no século XX, surge a tendência na ficção brasileira em reproduzir o método usado pelos realistas, com o acréscimo da experiência vivida ou imaginada (memorialismo aliado a ficção) — designada de neo-realismo. E, na esteira desse movimento, temos, entre outros, Graciliano Ramos, admirador de Eça de Queirós. Como assinala Benjamim Abdala Júnior:

No Brasil, conforme indicamos, Eça de Queirós sensibilizou as gerações literárias ligadas às novas tendências realistas que se firmaram no século XX. A adesão às perspectivas abertas pelo ficcionista português explicita-se, por exemplo, no artigo de *Linhas Tortas*, publicado no *Jornal de Alagoas*, de Maceió, em 1915, em que Graciliano Ramos reage com indignação à agressão ao monumento a Eça de Queirós, em Lisboa, justamente naquele em que aparece o subtítulo de *A Relíquia*: “Sobre a nudez forte da verdade – o manto diáfano da fantasia”. (2007, p. 22 e 23)

Podemos observar, em *Linhas Tortas*, que Graciliano Ramos não só elogia a grandiosidade de Eça enquanto artista, mas também a sua personalidade. “Ele não é somente o escritor mais querido dos dois países, é uma individualidade à parte, adorada, idolatrada. Temos para com ele uma admiração que chega às raias do fanatismo” (1980a, p. 15). A admiração vinha da capacidade do escritor em representar ficcionalmente os diferentes tipos sociais destituídos de suas máscaras, com o uso da ironia fina, indo do grotesco ao gênero dramático:

Seus personagens não são, por assim dizer, entidades fictícias, criações de um cérebro humano – são indivíduos que vivem ao nosso lado, que têm os nossos defeitos e as nossas virtudes, que palestram conosco e nos transmitem idéias mais ou menos iguais às nossas. (Ibid., p. 15)

O artigo foi escrito muito tempo antes de sua estréia como romancista, com *Caetés* (1933). Entretanto, nessa época, Graciliano já produzia pequenos textos, como contos e crônicas para um jornal de sua cidade, e a influência de Eça era visível. Em suas *Cartas*, o autor se confessava leitor de Eça: “Leste os livros de Eça de Queiroz, publicados agora em 1925? Eu li *A Capital* e o *Conde d’Abranhos* e ando a procurar os outros” (1980b, p. 77). E chega a perguntar, na mesma carta, ao amigo J. Pinto da Mota Lima Filho: “Será possível que o *Conde d’Abranhos* seja do autor dos *Maias*?” (p. 78), por estranhar a diferença do estilo que o autor apresentava em seus últimos escritos — menos realistas e mais imagístico. E, de fato, esses dois livros carregam diferenças visíveis, pois são obras póstumas (não revistas pelo autor) publicadas por seus filhos, o que compromete a leitura e interpretação do texto.

Na obra de Graciliano, vemos que as impressões do estilo que tanto lhe agradavam podem ser observadas em *Caetés*, considerado por alguns como um romance nos moldes do movimento neo-realista. Para verificar que a obra de Eça de Queirós serviu de inspiração na composição de *Caetés*, e que há confluência entre eles, vamos comparar alguns personagens-tipo do romance de Graciliano e com alguns dos vários livros do português. Serve-nos de auxílio a própria seleção que Graciliano fez em *Linhas Tortas* (Julião Zuzarte, Raposo, Zé Fernandes, Dâmaso, conselheiro Acácio, Ramires etc.); são exemplos de figuras presentes em nossa vida cotidiana: “Todos esses tipos são nossos companheiros, nossos amigos. Falamos todos os dias com eles – ordinariamente a rir, poucas vezes sérios, quase nunca a chorar” (1980a, p. 16). Não excluiremos da interpretação do livro o mote sob o qual é conduzido — a relação infiel do personagem-narrador João Valério com Luísa, mulher jovem, bonita e casada — temática comum aos autores do século XIX e explorada no eciano *Primo Basílio*. Cabe salientar que, em *Caetés*, ela é tratada de forma diversa, pois os personagens pertencem à outra realidade: a pequena cidade interiorana

de Palmeiras dos Índios, em Alagoas, onde habitava o escritor. Acresço as palavras de Antonio Candido sobre a técnica utilizada:

Por isso, em cenas admiráveis (como o referido jantar, o jogo de pôquer, o jogo de xadrez), soldam-se a descrição dos incidentes e a caracterização dos personagens, formando unidades coesas, na medida em que são atravessadas pelo solilóquio, isto é, pela obsessão do narrador. À técnica, praticada segundo molde queirosiano, junta-se algo próprio a Graciliano: a preocupação ininterrupta com o caso individual, com o ângulo do indivíduo singular, que é – e será – o seu modo de encarar a realidade. (1992, p. 17)

Se nas narrativas sobressai o individual, a análise dos personagens se torna indispensável para o conhecimento do seu estilo próprio, ainda que seja influenciado pelo grande mestre realista português. Eça conseguiu captar a essência humana, e reproduziu artisticamente a sociedade portuguesa e suas características, boas ou ruins. Assim também fez Graciliano com sua Palmeira dos Índios, não poupando da crítica e ironia o comportamento dissimulado e mesquinho de sua sociedade.

Em *Caetés*, a construção do protagonista é elaborada pelo aprofundamento psicológico. Vimos na narrativa graciliana, os agentes condutores das ações, as quais serão analisadas em contraponto com algumas das ações dos personagens ecianos. O jovem guarda-livros da pequena Palmeira dos Índios, apaixonado pela mulher do patrão e “metido na literatura”, empenha-se na escrita de um livro que narra a história dos índios caetés, tribo de canibais que habitava o litoral brasileiro entre a foz do rio São Francisco e a ilha de Itamaracá. Assim, o romance carrega um livro dentro do livro homônimo, o que sugere a sobreposição do espírito canibalesco “selvagem” com o escriturário “civilizado” criado por Graciliano em sua narrativa-histórica:

Não ser selvagem! Que sou eu senão um selvagem, ligeiramente polido, com uma tênue camada de verniz por fora? Quatrocentos anos de civilização, outras raças, outros costumes. E eu disse que não sabia o que se passava na alma de um caeté! Provavelmente o que se passa na minha, com algumas diferenças (RAMOS, 2006, p. 250).

Estilisticamente, Graciliano, bem ao modo de Eça de Queirós, faz uma crônica de costumes. Retrata a vida interiorana de uma pequena cidade e seus tipos humanos, diferenciando-se de Eça por seu caráter agudamente memorialista. Em João Valério e o conflito deste com seu meio, temos o desmascaramento de uma sociedade classista, mesquinha e hipócrita. A própria escrita do seu livro parece ser a fórmula encontrada para ascender socialmente: tornar-se um escritor famoso, reconhecido pelo romance indianista que teria escrito. Também, chega a sonhar com um bom casamento, o que não seria difícil, pois além de ser saudável e “desempenhado” ainda “arranhava literatura”. Com o dinheiro e a fama, ele poderia morar no Rio de Janeiro “entre os romances franceses, papéis de música e flores de parafina” (p. 43).

Para o narrador de *Caetés*, o resgate desse modelo, que fora de tanto sucesso entre os leitores de folhetins, poderia promovê-lo de simples colaborador no jornal de padre Atanásio a um literato de grande prestígio. Em várias passagens da narrativa, João Valério — em seu ardoroso processo de escrita — empenha-se na construção de cenas e descrições que parecessem reais aos leitores, o que o tornaria um escritor admirável. Mas, tanto empenho, arrastado em anos, em construir uma epopéia com a morte de D. Pero Sardinha resultava em poucas páginas mal acabadas. O livro que não se concretiza é também a metáfora da vida de Valério, de sua incompletude e incapacidade de progredir e realizar-se sem a ajuda de outros.

Em *A Ilustre Casa de Ramires*, a personagem de Eça, o fidalgo decaído Gonçalo Mendes Ramires se apresenta com características semelhantes às de João Valério. Assim como o narrador de *Caetés*, Ramires habita na pequena Vila Clara e busca prestígio social pela escrita de um romance histórico que seria publicado nos Anais de Literatura e de História, em Portugal. Isso o faria atingir seus objetivos, entre eles o de assumir um cargo político. Eça demonstra, através da chegada de seu personagem à política e às tradições familiares

portuguesas, as mudanças ocorridas na história de Portugal. No convite feito a Ramires por José Lúcio Castanheiro, o criador dos Anais, havia a intenção de ressuscitar a história portuguesa e cantar os grandes feitos de seu povo. “Para berrar! Para atroar a Portugal, aos bramidos sobre os telhados, com a notícia inesperada de sua grandeza!” (QUEIRÓS, 1951a, p. 18).

Aceito o convite, o protagonista de Eça se lança na escrita de uma novela histórica que se passaria no Século XIII e teria como personagem um ancestral seu, Tructesindo Ramires, fiel cavaleiro do D. Sancho I e que se vê em meio à briga entre D. Afonso II e suas irmãs, depois da morte do Rei, em 1211. Acreditava que só precisaria “transpor as fórmulas fluidas do Romantismo de 1846, para a sua prosa tersa e máscula (como confessava o Castanheiro)”. (p. 22). Mas, tal como Valério, ele não tem propriedade para recontar a história e transforma um poema escrito por um tio numa versão em prosa totalmente sem sentido e mal elaborada. A escrita também se arrasta. Ele passa horas trancado no gabinete, em busca de idéias grandiosas que não lhe vinham: “Quando nessa tarde se acomodou à banca, para contar a sala de armas e Paço de Santa Ireneia por uma noite de Lua – só conseguiu converter servilmente numa prosa aguada os versos lisos do tio Duarte, sem relevo que os modernizasse (...)” (p. 27).

Destituído de talentos literários, incapaz de explorar a temática desenvolvida pelo tio, Ramires se mostra um homem de caráter fraco, impossibilitado de dar continuidade a linhagem nobre de seus antepassados e possuído pela sede de prestígio social. Para tanto, revela-se apto de qualquer ação indigna, até casar-se com uma mulher riquíssima, mesmo repudiando-a ou se aproximar de um inimigo, o chamado Cavaleiro, para dele conseguir benefícios políticos.

E na impaciência desse favor, abafara a memória de amargos agravos; diante de Oliveira pasmada, abraçara o homem detestado desde anos, que andava chasqueando e demolindo, por praças e jornais: facilitara a ressurreição de sentimentos, que para sempre deveriam estar enterrados; e envolvera o ser que

mais amava, a sua pobre e fraca irmãzinha, em confusão e miséria moral... (p. 431)

No final das histórias dos dois romances, mais um encontro entre o caráter de ambos: Ramires, que se diz um homem “encolhido”, ao contemplar o vale do alto da torre iluminada chega à conclusão da sua fraqueza de caráter e mesquinhez. O introvertido Valério contempla as estrelas e assume-se um caeté: “Um caeté, sem dúvida. (...) Guardo um ódio feroz ao Neves, um ódio irracional, e dissimulo, falo com ele: a falsidade do índio. E um dia me vingarei dele, se puder” (p. 251).

Os personagens se aproximam em narrativas desdobradas em dois níveis: de suas vidas e da escrita do livro. O fidalgo decaído vindo da linhagem nobre dos Ramires que, a muito custo, termina a composição da novela histórica e chega à política, e o pobre e desconhecido João Valério, que de sua origem familiar pouco se sabe. O realismo buscado tanto por Eça quanto por Graciliano transforma diferentes realidades ficcionais em espaço de verossimilhança, através da ironia e da denúncia dos males sociais próprias aos dois autores.

Além da técnica utilizada por Graciliano do romance dentro do romance, em *Caetés* — que acaba sendo transposta para outras obras, como *Angústia* e *São Bernardo* —, a ligação amorosa entre o protagonista e a esposa do seu patrão, Luísa, se destaca dos demais acontecimentos do cotidiano narrado. Já na primeira página uma cena de tensão: “Luísa quis mostrar-me uma passagem no livro que lia. Curvou-se. Não me contive e dei-lhe dois beijos no cachaço. Ela ergueu-se, indignada: – O senhor é doido? Que ousadia é essa? Eu...” (p. 9). A atitude de João é tomada como um atrevimento, a qual ele mesmo, logo em seguida, repudia arrependido de ter feito isso a uma alma tão pura como a dela. Numa apreciação inicial de seu caráter poderíamos dizer que se trata de um sedutor tal como o eciano Basílio, que queria da prima apenas uma aventura. Na narrativa fica evidente que o sentimento de Valério não era amor verdadeiro. Ele próprio afirma desejá-la loucamente há vários anos e vê nessa ligação a possibilidade de, ficando ela viúva, casar-se com ele e passar-lhe a administração de

seus bens. Assim, tanto o personagem eciano quanto o graciliano são figuras do realismo, movidas por interesses econômicos e pelo instinto sexual.

Nos dois romances a traição se concretiza com a viagem dos maridos. Contudo, o que difere *Caetés* do romance eciano é o motivo que leva a mulher ao adultério e a subversão do final trágico a que as “infiéis” estavam destinadas, pois diferente de Luísa, do *Primo Basílio*, a personagem de Graciliano não sofre as conseqüências do seu delito, isto é, o “punido” é Adrião. Ao saber da infidelidade da esposa e do seu empregado, por uma carta anônima, ele atenta contra sua vida, padece por vários dias, sob a vigília dos amigos, inclusive a do dissimulado João Valério, até falecer.

Entre as críticas ao romance de Eça realizada por Machado de Assis estaria a da traição sem motivos, injustificável, porque não há nenhum tipo de sentimento ou motivação que a leve ao envolvimento com Basílio. Na representação feita por Eça, Luisa é influenciada pelas leituras românticas e por conversas que tem com a “infame” amiga Leopoldina. E o primo representa a possível concretização das fantasias romanescas idealizadas por ela. Isso, na verdade, está fora da intenção do autor, que pretende mostrar o outro lado dessa relação: o esfacelamento da moral portuguesa.

Luiza resvala no lodo, sem vontade, sem repulsa, sem consciência; Bazilio não faz mais que empuxal-a, como materia inerte, que é. Uma vez rolada ao erro, com nenhuma flama espiritual a alenta, não acha ali a saciedade das grandes paixões criminosas: rebolca-se simplesmente. (ASSIS, 1910, p. 64)

No personagem João Valério há também a identificação com o que Machado aponta na Luísa de Eça: a falta da “saciedade das grandes paixões”. Tanto que, com a morte de Adrião, ele perde o interesse por sua amante e a procura, após dois meses, para por um fim na relação. O que soa estranho ao leitor mostra-se uma atitude esperada por ela, que não faz questão que ele assuma nenhuma responsabilidade.

Aparenta-se forte, superior ao amante numa atitude contraditória, pois, ao mesmo tempo em que se impõe, chora.

Um fator determinante nesse tipo de comportamento contraditório é a instrução recebida pelas mulheres ainda nessa época. As duas Luíças tiveram educação semelhante, voltada para o cuidado do lar, dos filhos e o aprendizado das artes, através da música e da literatura. Tanto no romance de Eça quanto no de Graciliano, em algumas passagens da narrativa, as personagens estão lendo livros românticos, o que as influenciaria a sonhar com uma vida devaneadora, tal qual as das heroínas, levando-as inclusive a traição.

Em solteira, aos 18 anos, entusiasma-se por Walter Scott e pela Escócia; (...) Mas agora era o *moderno* que a cativava, Paris, as suas mobílias, as suas sentimentalidades. Ria-se dos trovadores, exaltava-se por Mr. De Camors; e os homens ideais apareciam-lhe de gravata branca, nas ombreiras das salas de baile, com um magnetismo no olhar, devorados de paixão, tendo palavras sublimes. (QUEIROS, 1951b, p. 13 e 14)

Vale lembrar que a relação adúltera foi denunciada por uma carta enviada a Adrião Teixeira, logo após a discussão de João Valério com Dr. Castro num bar, assistida por Neves, acusado de ser o delator. A descrição que Valério faz do personagem nos transporta a figura de Dâmaso Salsede, do conhecido romance *Os Maias*, de Eça, que foi o denunciante do envolvimento dos personagens amantes Carlos e Maria Eduarda. Descrito por Eça como uma figura grotesca — de opiniões imbecis e inconveniência de modos, e que nutre uma obsessão por Carlos da Maia — chega a escrever um artigo sobre o personagem e publicá-lo num jornal de fofocas. Tomado pela aversão, o protagonista o desafia para um duelo, mas Dâmaso, covardemente, não aceita, o que o leva a pedir uma carta em retratação dizendo que estava bêbado quando escreveu o texto. O “canalha” admite escrevê-la para evitar o combate com Carlos. O personagem também burlesco de Graciliano, como fazia o Dâmaso a causar intrigas, é descrito como um “safado”, que vive a inventar histórias e a espalhar boatos:

– Talvez seja boato. Não há certeza. Era conveniente dar uma notícia, mas não há certeza. – Há, fez Isidoro. Foi o Neves que me contou. O Neves está no segredo da política. – Esse é outro, resmunguei. Você se dá com essa pústula? Mas Isidoro, que defende toda gente, defendeu o Neves: – Por que, homem? O Neves, é inofensivo. – Um canalha, um maldizente. (p. 35)

É visível na narrativa o desprezo de João Valério por alguns de seu meio, principalmente, os mais ricos e que ocupam posição de destaque. Isso nos remete ao personagem Julião Zuzarte também de *O Primo Basílio*. Assim como Valério, ele vivia miseravelmente numa pensão e odiava a todos que levavam uma vida de mais sucesso do que ele. Eça consegue retratá-lo de forma a transparecer ironicamente a concupiscência e a inveja. As características entre os dois personagens se aproximam na medida em que sentem os mesmos desejos materiais: “esperava, com a tenacidade do plebeu sôfrego, uma clientela rica, uma cadeira na Escola, um coupé para as visitas, uma mulher loura com dote” (QUEIRÓS, 1951b, p.36).

Em várias passagens do texto, percebe-se, ainda, o repúdio do narrador aos ornamentos da linguagem e ao estilo pomposo. Sua ira é visível nos comentários maliciosos relativos à escrita e aos discursos empolgados do bacharel Evaristo Barroca, outro personagem significativo em *Caetés*, um tipo bajulador que vivem a buscar uma posição de destaque na sociedade: “Desdobrei as tiras e li burrices consideráveis em honra do Mesquita, recheadas de adjetivos fofos” (p. 30). Em todo o percurso narrativo, João Valério se refere ao bacharel com bastante ódio e desprezo. A figura descrita por ele de “maneiras detestáveis” (p. 27), simboliza o arrivista social que, saindo de sua condição de pobreza — por meio do seu trabalho como advogado e das boas relações que tinha, por sua conduta ética, com os políticos e com as “boas” famílias — desejava um cargo de deputado.

Personagem correspondente em *O Primo Basílio* é o conselheiro Acácio, que projetava-se em postura de pseudo-intelectual pela retórica carregada. Dizia-se um defensor do governo e da monarquia e apregoava elogios aos seus representantes. Além de ser, assim como o

bacharel de Graciliano, um defensor da moral e dos bons costumes. Sua figura acabou dando origem ao termo "acaciano", designado às pessoas ridículas no seu estilo pomposo de se expressar ou que fazem uso das convencionalidades.

As semelhanças entre vários personagens de Eça e Graciliano são entendidas como a intenção de destacar tipos presentes no meio social em que viviam, os quais são dignos de representação fiel e/ou manifesto repúdio ao comportamento. O autor português quando viveu em Leiria, por alguns meses, teve a idéia de escrever *O Crime do Padre Amaro*, onde pode expor a relação dos padres e beatas com a igreja, num tom de denúncia explícita da hipocrisia e cinismo inerentes aos representantes do clero e da pequena burguesia nessa cidade provinciana. Em *Caetés*, não nos falta, por exemplo, as críticas ao clero e as beatas que se escondem atrás da fé, mas são afeitas aos vícios e a mesquinhez, tal como na narrativa eciana.

João Valério nos descreve uma cena em que ele e outros moradores da pensão iniciam uma conversa na qual o tema é o espiritismo. O personagem Nicolau Varejão chega a relatar dados de sua última encarnação e o tom de ironia dos demais fica evidente em relação ao assunto. Temos aqui duas vertentes que podem ser analisadas em contraponto com as críticas feitas por Eça, em relação à religiosidade. No personagem Nicolau Varejão, adepto do espiritismo e tomado pela avareza, reconhecemos o comportamento de Teodorico Raposo, de *A Relíquia*. Para Antonio Candido, não é de se espantar que este tenha sido um de seus livros mais populares, "chalaça divertida e crepitante traçada com pincel grosso, que associava a ironia a uma interpretação alegremente demolidora de costumes burgueses" (2000, p. 15). Neste romance, o personagem eciano não tinha nenhum resíduo moral e se fazia passar por beato para enganar a tia, pois queria a sua herança. Sem qualquer tipo de escrúpulos, inventa histórias e relíquias milagrosas para iludir as pessoas. Já Nicolau Varejão, a espera da morte de d. Engrácia (uma velha beata e avarenta), para que a filha Marta Varejão (beata e sonsa) herdasse seus bens, apregoa o

espiritismo e inventa vida passadas, para tentar convencer os amigos. Nos dois casos, o antagonismo de quem falsamente se dedica a uma religião, mas tem apego excessivo ao dinheiro.

Em relação ao catolicismo, assim como as figuras clericais burlescas de Eça, o escritor alagoano reproduz na narrativa o tipo esquisito, metido a intelectual e de discurso incoerente que não consegue nem concatenar suas idéias — o padre Atanásio. Diretor do jornal a *Semana*, o clérigo mete-se nas discussões sobre filosofia, religião, educação e provoca situações risíveis.

Fica evidente, nas cenas irônicas da narrativa, uma polêmica levantada no século XIX em relação às correntes filosóficas e científicas disseminadas pelos realistas. É no texto ficcional que o Graciliano questiona a aderência a essas teorias, os percursos da nossa literatura que, aos poucos abandona as teorias deterministas, assim como produz uma visão crítica da sociedade. Para Graciliano e Eça, o meio é determinante dos comportamentos humano. Não é a toa que muitos dos seus personagens são levados a uma vida de futilidades, ao adultério ou a desonestidade pelo tipo de educação recebida.

Assim exposto, o que continua aceso na obra do escritor brasileiro, homem obstinado pela busca da prosa perfeita, pela representação exata do indivíduo em suas relações, é o compromisso com a literatura e sua função social. Se Eça foi e continua sendo um dos maiores escritores de língua portuguesa, nosso autor mostra-se capaz, tal como ele, de criar ficcionalmente um mundo bem próximo a realidade brasileira, com o homem revelado em suas angústias, suas deficiências de caráter e com suas qualidades.

Referências Bibliográficas

- ABDALA JUNIOR, Benjamim. *Literatura, História e Política: Literaturas de Língua Portuguesa no Século XX*. São Paulo: Atelie Editorial, 2007.
- ASSIS, Machado de. O Primo Bazilio. In: *Crítica*. (Coleção feita por Mário de Alencar). Rio de Janeiro/Paris: Livraria Garnier, 1910.
- CANDIDO, Antonio. *Ficção e Confissão: ensaios sobre Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

- _____. Eça de Queirós, passado e presente. In: ABDALA JÚNIOR, Benjamim (org). *Ecos do Brasil: Eça de Queirós: leituras brasileiras e portuguesas*. São Paulo: Editora SENAC, 2000.
- MENDES, Lauro Belchior. A dessublimação repressiva em *O Primo Basílio* e *Caetés*. In: UFMG. Centro de Estudos Portugueses da Faculdade de Letras. *Camões e Eça de Queirós: estudos de Camões e O Primo Basílio*. Belo Horizonte: Ed. Virgília, 1978.
- PADILHA, Laura Cavalcante. *O espaço do desejo: uma leitura de A Ilustre casa de Ramires de Eça de Queirós*. Brasília: Editora Universidade de Brasília. Rio de Janeiro: EDUFF – Editora Universitária, 1989.
- QUEIRÓS, Eça de. *A Ilustre Casa de Ramires*. Porto: Lello & Irmão – Editores, v. 7, 1951a.
- _____. *O Crime do Padre Amaro*. Obras de Eça de Queirós, Lello & Irmão – Editores, v. 1, s. d.
- _____. *Os Maias*. Porto: Lello & Irmão – Editores, v. 4 e 5, 1951.
- _____. *O Mandarim*. Porto: Lello & Irmão – Editores, v. 3, 1952.
- _____. *O Primo Basílio*. Porto: Lello & Irmão – Editores, v. 2, 1951b.
- RAMOS, Graciliano. *Caetés*. 31 ed., Rio de Janeiro: Record, 2006.
- _____. *Cartas/ Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro: Record, 1980b.
- _____. *Linhas Tortas: obra póstuma*. 8 ed., Rio de Janeiro – São Paulo: Record, 1980a.
- REIS, Carlos/MILHEIRO, Maria do Rosário. *A construção da narrativa queirosiana*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1989.